

# ÁGUA: CAUSA E ARMA SILENCIOSAS NO CONFLITO PALESTINO/ISRAELITA

Vítor Silva<sup>1</sup>

A água é essencial à vida e a toda a actividade humana: à economia, à indústria, à agricultura, à cultura. A água suporta o progresso. O domínio sobre esse bem natural é um elemento da soberania de um povo.

Todo o Médio Oriente é escasso deste bem precioso. O território que corresponde à Palestina histórica não foge à regra. Mais de dois terços daquele território são secos e áridos e quase metade é mesmo desértico. O clima na zona costeira, desde Acre até ao Sinai, é tipicamente mediterrânico com uma estação chuvosa e fresca e outra seca e quente com uma pluviosidade média anual à volta de 500 mm. A vertente ocidental da cordilheira de colinas que desce ao longo do rio Jordão, formando uma faixa paralela à costa, tem uma pluviosidade que desce abruptamente desde o mar da Galileia com cerca de 400 mm até menos de 100 no sul do Mar Morto. O vale do Jordão é seco e árido excepto no seu extremo norte, onde as águas pluviais podem chegar aos 1.000 mm, nas com a parte final seca, árida e desértica; a zona de Jerusalém regista 550 mm, mas Elat, no extremo sul, tem apenas 20 mm.



*Wadi Fuken, Sudoeste da Margem Ocidental*

O único rio com caudal significativo é o Jordão que nasce nos Montes Golã, território Sírio ocupado ilegalmente por Israel, passa pelo Mar da Galileia e desagua no Mar Morto, cerca de 400 m abaixo do nível do Mediterrâneo. Possui dois afluentes perenes e vários ribeiros que só têm água no período de chuvas; alguns destes ribeiros periódicos são alimentados por aguaceiros torrenciais que provocam vales e barrancos (*wadis*). Além do Jordão existe, no norte, o rio Quisom que desagua no Mediterrâneo ao norte de Haifa.

Depois só existem *wadis*, alguns com fortes correntes quando há chuvadas, mas secando durante a maior parte do ano; alguns *wadis* (ao norte, na vertente oeste da cordilheira) mantêm água mais tempo devido ao degelo, mas também secam.

Como águas superficiais também existem dois mares. O de Galileia rico de vida nas águas e nas margens; e o Mar Morto, sem vida tanto nas suas águas como nas margens.

Quanto a águas subterrâneas, existem dois sistemas significativos: o aquífero da Montanha, que se situa na Margem Ocidental, e o aquífero Costeiro, que acompanha quase todo o litoral até ao sul de Gaza. No sul, no deserto de Negueve situa-se o aquífero de Aravá, sem significado.

Estas condições determinam a flora. Em todo o litoral predomina o pinheiro, o cedro, a oliveira, o cipreste, o medronheiro, o rosmaninho, a amendoeira, a figueira, a amoreira e a videira. No norte, junto ao Jordão, um clima subtropical faz aparecer a palmeira a pereira, a nogueira. No sul, deserto do Neguev, as árvores são raras e a vegetação caracteriza-se por arbustos de pequeno porte.

---

<sup>1</sup> Vítor Silva é membro da Direcção Nacional do MPPM

As populações, ao longo de milhares de anos, souberam adaptar-se a estas condições. Na agricultura o cereal mais utilizado era a cevada, enquanto produtos hortícolas, de irrigação, eram cultivados nos vales do norte e, no centro e sul, só junto dos poucos pontos de água (incluindo as poças residuais dos wadis). Em toda a região, uma fruticultura baseada em espécies que subsistem com dois períodos anuais, um de chuva e outro seco, daí ser a oliveira a árvore típica. O pastoreio tinha também um peso importante na economia. A água para uso doméstico e dos animais era aproveitada da época de chuvas em cisternas ou obtida através de poços dos aquíferos mais superficiais. A água armazenada e dos poços é, por isso, essencial para as populações.



Poço na Palestina

Por tudo isto pode-se dizer que cada ponto de água é fundamental na Palestina, especialmente na Margem Ocidental e no sul.

Jericó é um exemplo. Fica num vale de uma zona desértica, com fraca precipitação anual (160 mm), mas beneficia de uma fonte junto ao rio Jordão, da qual depende inteiramente, mas que lhe permite irrigar cerca de 10 Km<sup>2</sup> e abastecer próximo de 25 mil habitantes <sup>2</sup>.



As primeiras vagas de imigrantes judeus que chegaram à Palestina, por volta de 1900, pobres e predominantemente agricultores, acharam que os terrenos eram áridos e fracos para a agricultura. Mas eles tinham apoio financeiro e técnico para a preparação das terras. O Fundo Judaico Nacional (KKL) desde 1901 que vem a apoiar a colonização no respeitante à preparação de solos e aproveitamento de águas. E já o Barão de Rothschild contribuíra para a aquisição e formação de 19 colónias e uma escola agrícola no final do século XIX <sup>3</sup>.

Obviamente que a necessidade de água aumentou nas novas explorações agrícolas, propriedade dos imigrantes. A ambição sionista de criar um Estado autónomo, nomeadamente na vertente alimentar, e até exportador de bens dessa área exigia uma agricultura intensiva e, portanto, com forte irrigação.

Efectivamente, desde o início, os líderes do Movimento Sionista deram especial importância às fontes hídricas e respectivo domínio.

A proposta sionista, elaborada em 1920, para as fronteiras do futuro “lar dos judeus” incluía as margens do “...rio Litani, actualmente em território libanês, além de compreender as três maiores fontes do rio Jordão, os rios Dan, Baniás e Hasbani, nas colinas de Golã, e o rio Yarmouk, fronteira actual entre a Jordânia e a Síria, baseada na premissa de que Israel deveria preocupar-se com seus recursos hídricos...” assim como a margem oriental do Jordão, isto é, bacias hídricas, aquíferos e zonas de maior pluviosidade <sup>4</sup>.

As afirmações e declarações que reflectem as preocupações e intenções sobre o uso da água, como bem limitado mas essencial para o desenvolvimento do Estado de Israel, perpassam toda a história do movimento sionista e a actuação dos governos deste país.

<sup>2</sup> Wikipédia, a enciclopédia livre

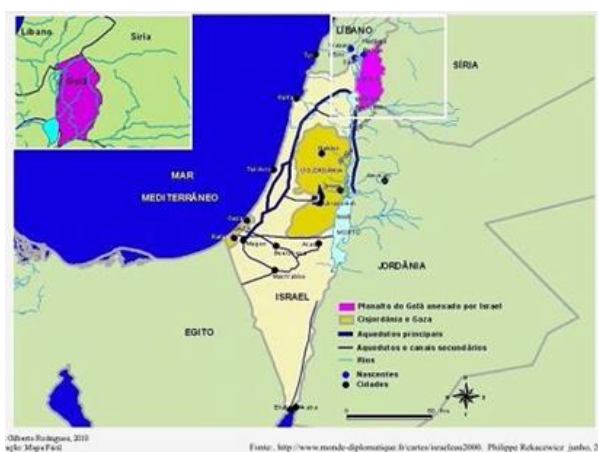
<sup>3</sup> [http://www.pucrs.br/ffch/neroi/mono\\_revista.pdf](http://www.pucrs.br/ffch/neroi/mono_revista.pdf)

<sup>4</sup> [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-21072010-113708/publico/2010\\_GilbertoSouzaRodriguesJR.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-21072010-113708/publico/2010_GilbertoSouzaRodriguesJR.pdf)



Ainda um outro projecto de autoria norte-americana foi elaborado em 1954, portanto logo após a independência de Israel.

No entanto foi em 1956 que se iniciou a construção do Aqueduto Nacional de Isarel. Foi construído pela Mekorot (empresa nacional das águas de Israel) e era 1º ministro Ben-Gurion 9.



Mapa hidrográfico da Palestina

especialmente desde a declaração de independência em 1948, que Israel anda em guerra com a população palestina e com os países vizinhos. O Haganá foi criado com o pretexto de defender as comunidades judaicas antes da existência do Estado Judaico e Levi Eshkol membro desta organização militar foi fundador da Mekorot e seu responsável até 1951 10. Vê-se assim uma ligação directa entre a acção agressiva judaica e a questão da água.

Há actos demonstrativos de que a posse e domínio da água são a causa de agressões.

No dia 5 de Junho de 1967 Israel desencadeou uma guerra dita preventiva contra o Egipto, a Síria e a Jordânia. Sem entrar em considerações nem análises às causas e movimentações diplomáticas internacionais à volta dessa guerra, cabe realçar, para o que estamos a tratar, que esta guerra preventiva ganhou para Israel as Colinas do Golã e o controle da Margem Ocidental, isto é, o domínio do Jordão e do aquífero da Montanha que é o maior da Palestina.

Em 2002 começou a construção do “Muro”, chamado “da Separação”, pelo governo israelita, sob pretexto de prevenção contra-ataque de palestinos. Mais uma vez, vitimizandose, Israel lá foi roubando mais terras aos palestinos. Mas o roubo foi criteriosamente feito para apanhar as fontes de água e as terras de regadio. “O percurso do muro foi planeado de modo que ele impede o acesso por palestinos a áreas da Cisjordânia que incluem alguns dos melhores acessos à água, nomeadamente o aquífero Ocidental” 11. “há



O Muro da Separação

9 [http://en.wikipedia.org/wiki/National\\_Water\\_Carrier\\_of\\_Israel](http://en.wikipedia.org/wiki/National_Water_Carrier_of_Israel)

10 <http://www.chazit.com/cybersio/biografias/pms/eshkol.html>

11 [http://www.ngo-monitor.org/data/images/File/Amnesty\\_water\\_112.pdf](http://www.ngo-monitor.org/data/images/File/Amnesty_water_112.pdf)

momentos em que o muro penetra o território palestino apenas para se aproximar das áreas de captação. O muro incorpora grande parte dos poços e fontes de água dos palestinos próximos da linha verde”<sup>12</sup>.

O caso da cidade de Qalqilya é ilustrativo: situada numa das melhores zonas de acesso às águas do Aquífero da Montanha, as terras à sua volta são célebres pela produção agrícola. Pois toda a área foi envolvida pelo Muro e os agricultores são impedidos pelo exército ocupante do acesso às suas lavouras e aos poços com que se forneciam, inclusive para uso doméstico.

Todos estes roubos de terra, dos Montes Golã à Margem Ocidental, foram condenados pela ONU (Resolução 242) e o Muro foi condenado pelo Tribunal Internacional de Justiça.

A água como causa de agressões é também utilizada como arma, arma silenciosa e sub-reptícia tendente à expulsão ou ao extermínio da população indígena.



Os colonatos são uma necessidade tática e estratégica do sionismo. *"Vamos fazer uma sanduíche de mortadela, inseriremos uma faixa de colonatos judaicos entre os palestinos e outra faixa de colonatos judaicos ao longo da Cisjordânia, de modo que, dentro de 25 anos, nem a ONU, nem os EUA, nem ninguém, vai conseguir separá-los."* (Ariel Sharon para Winston S. Churchill III, 1973)<sup>13</sup>.



Colonato de Ariel, na Margem Ocidental

utilizados pelos palestinos. Este domínio foi agravado com a divisão do território palestino, concertada no Tratado de Oslo, em Zonas A, B e C, esta última sob total controlo israelita.

Em síntese: (1) os palestinos não podem abrir novos poços, não podem construir estruturas de distribuição nem beneficiar as existentes sem autorização militar; (2) têm quotas máximas para extracção; (3) a Mekorot, que gere a infra-estrutura na Cisjordânia, vende água aos palestinos, que é retirada dos territórios destes, mas em quantidades limitadas definidas pelo governo



O Muro em Qalqilya

A política dos colonatos tem como intenção inviabilizar um Estado Palestino, aumentar a população judaica em termos absolutos e, com a estratégia da sua localização, dominar as fontes de água. Tem como efeito o aumento global da procura hídrica, pois para os colonatos não há restrições de água nem para uso doméstico, nem para a agricultura. Mas tem como consequência a diminuição da disponibilidade para os palestinos, levando estes a um progressivo empobrecimento e ao afastamento.

Após a “guerra dos seis dias” o exército israelita assumiu o controlo de todos os recursos

<sup>12</sup> [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-21072010-113708/publico/2010\\_GilbertoSouzaRodriguesJR.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-21072010-113708/publico/2010_GilbertoSouzaRodriguesJR.pdf)

<sup>13</sup> <http://www.eurosur.org/acc/html/revista/r52/52muro.htm>

israelita; (4) a construção de cisternas para aproveitamento de chuvas está dependente de autorizações concedidas pelas entidades militares <sup>14</sup>. Mas a privação da água à população indígena também é executada indirectamente. Muitas vezes os colonos, que estão isentos de autorização prévia, abrem poços profundos junto aos dos palestinos secando estes últimos (*Com apenas 13% de todos os poços na Margem Ocidental, os colonos são responsáveis por cerca de 53% da extracção de águas subterrâneas*) <sup>15</sup>; as dificuldades criadas pelos checkpoints ao trânsito de veículos e pessoas, dificultam, encarecem ou impedem o acesso das populações aos poços e fontes onde se abastecem, situação tremendamente agravada com a construção do Muro; frequentemente, agricultores palestinos são proibidos de cultivar espécies que exijam rega (a ordem militar nº 1039 de 5 de Janeiro 1983 – artigo 2<sup>a</sup> - estipula que: *"Em conformidade com a autoridade investida em mim e na minha qualidade de comandante das Forças de Defesa de Israel na região, e porque acredito que esta ordem é necessária para o bem-estar dos moradores e com a intenção de preservar os recursos hídricos... é proibido desenvolver quaisquer legumes no distrito de Jericó excepto após obtenção de uma licença por escrito da autoridade competente"*. <sup>16</sup>.

A estas agressões acrescentam-se actos arbitrários praticados por colonos e por elementos do exército, como sejam fazer lixeiras em terrenos próximos dos poços utilizados por palestinos, o que leva à inquinação das águas, ou praticarem tiro ao alvo nos depósitos de recolha de águas colocados habitualmente no cimo das casas. As queixas apresentadas por estas barbaridades são sistematicamente esquecidas pelas autoridades.

Pode-se assim afirmar que o domínio da água é utilizado por Israel como uma arma contra a população palestina.



Enquanto o consumo médio dos Israelitas anda à volta dos 270 litros/dia, devido a todas aquelas restrições o consumo médio diário dos palestinos é de 70 litros/dia para uso doméstico, urbano e industrial <sup>17</sup>, bastante abaixo do mínimo universalmente aceite para uma vida saudável (100 litros/dia, segundo a OMS). E note-se que nalguns casos a disponibilidade desce para os 20 litros/dia.

A situação em Gaza é dramática. 90% da água é obtida do aquífero Costeiro. A restante provém da chuva, que é rara e irregular, e do pequeno rio Bsor que, como qualquer outro wadi, seca uma parte do ano e que além disso tem uma porção do seu caudal retido a montante pelos israelitas.

Acontece que a água retirada do aquífero é superior à sua recarga, verificando-se retorno das águas do Mediterrâneo. Por isso, e devido à presença de esgotos a céu aberto e sem tratamento e ao excesso de fertilizantes nos terrenos que lhe dão recarga, o aquífero fornece água salobra e contaminada. Segundo a opinião de médicos a água em Gaza é promotora de doenças, especialmente nas crianças.

A alteração desta situação seria o abastecimento a partir da Margem Ocidental, o estabelecimento de grandes estações de dessalinização e, sempre em qualquer caso, o tratamento das águas residuais e melhoria das canalizações. Neste momento, já há pequenas estações de dessalinização, de iniciativa privada, que não têm produção significativa. Qualquer das soluções é impedida por Israel: não permite a transferência de água proveniente da Margem Ocidental e o boicote sobre Gaza e a retenção de meios financeiro, levados a cabo por Israel, impedem a obtenção dos

---

<sup>14</sup> [http://www.ngo-monitor.org/data/images/File/Amnesty\\_water\\_112.pdf](http://www.ngo-monitor.org/data/images/File/Amnesty_water_112.pdf)

<sup>15</sup> [http://www.btselem.org/search/google\\_cse\\_adv/agua](http://www.btselem.org/search/google_cse_adv/agua)

<sup>16</sup> [http://www.ngo-monitor.org/data/images/File/Amnesty\\_water\\_112.pdf](http://www.ngo-monitor.org/data/images/File/Amnesty_water_112.pdf)

<sup>17</sup> [http://hdr.undp.org/en/media/o7-Chapter6\\_PT1.pdf](http://hdr.undp.org/en/media/o7-Chapter6_PT1.pdf)

materiais necessários à construção de grandes estações de dessalinização e de tratamento de esgotos e restauração das respectivas redes.

De resto, fiel à política de barrar o acesso de água aos palestinos, Israel tem sistematicamente destruído redes de distribuição e estações de bombeamento e tratamento de água e esgotos <sup>18</sup> <sup>19</sup>.

São de um cinismo desumano as palavras de Haim Gvirtzman, citadas acima “...*Se purificar a água do mar é uma solução realista, então deixemos que o façam para as necessidades dos residentes da Faixa de Gaza*”. Primeiro porque efectivamente não deixam, segundo porque ao cercear o acesso à água necessária, os sionistas têm castrado o natural desenvolvimento do povo palestino, que está debilitado economicamente, em saúde e organização social. O desenvolvimento tecnológico da Mekorot, que tem conseguido suprir, em benefício dos israelitas, a relativa escassez de água, tem sido conseguido à custa do saque do povo palestino.

Israel tem infringido todo o Direito Internacional no referente á questão da água. O acordado em Oslo não é cumprido. Os Direitos Humanitários, Carta dos Direitos Humanos, dos Direitos da Criança são espezinhados. Israel não é um Estado de Direito, é um Estado Judeu. O que está a fazer aos palestinos é o mesmo que está a fazer aos beduínos no Neguev.

Ao coarctar o legítimo direito à água, Israel está a impedir o povo palestino de viver com dignidade e em soberania na sua própria terra, está a destruir tudo o que não é judeu, na área económica, cultural, da saúde, no desenvolvimento.

Utilizando a água como arma silenciosa, Israel está a praticar um genocídio discreto.

Não podemos calar este crime; o silêncio é cumplicidade.

---

<sup>18</sup> [http://www.btselem.org/search/google\\_cse\\_adv/agua](http://www.btselem.org/search/google_cse_adv/agua)

<sup>19</sup> [http://www.mppm-palestina.org/index.php/documentos-mppm/doc\\_download/54-report-of-the-united-nations-fact-finding-mission-on-the-gaza-conflict](http://www.mppm-palestina.org/index.php/documentos-mppm/doc_download/54-report-of-the-united-nations-fact-finding-mission-on-the-gaza-conflict)